

O FILHOTE

Orgão de aprendizagem da mocidade

COLLABORADORES DIVERSOS

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ANNO 4

CUYABÁ, 5 de MARÇO DE 1899.

NÚMERO 1

O FILHOTE

Realisou-se com todo esplendor a festa escolar, tendo sido restritamente observado o programma annuciado.

A's 5 horas da tarde de 24 do mez passado, reunido todos os alumnos das escolas publicas e alguns particular, no edificio onde funciona o Lyceu Cuyabano, d'ahi desfilou a passeata que depois de percorrer diversas ruas, recolheu-se ao collegio Salesiano, onde teve logar o conserto.

Depois do discurso official e distribuição de premios aos alumnos approvados, houveram alguns discursos.

O conserto que foi bastante applaudido, terminou a meia noite, deixando em todos os expectadores, grata recordação dessa festa.

Parabens ao Sr. José Estevão Corrêa, muito digno director da instrucção, q' não poupou sacrificios

para o bom desempenho da festa escolar, e felicitações as nossas jovens patricias e collegas de estudo.

Temos a satisfação de comunicar aos nossos leitores que a noticia que demos em nosso organo sobre o fallecimento do Sr. Alexandre Aurelio de Castro Junior, é inexacta.

Deus

Este Ente Soberano comparado pelos materialistas, não é mais do que um sonho do homem, uma orgulhosa criação de sua vaidade. Que engano!

Para o materialismo, o tumulo é uma morte completa, o inferno é o nada, em que nossa razão se angustia, se tortura e esfria de susto e medo.

Para o materialismo, a virtude é o despotismo e a escravidão, contra nossos instinctos animaes.

O materialismo não olha para o tumulto nem nos consola na agonia, nem nos dá esperança na morte; é o cutelo da moral, do direito e da virtude, é o destruidor dos imperios, das grandezas e da gloria.

O espiritalismo nos diz: que o mundo é uma provação; o tumulto, a morada da paz; é elle que aperta o crucifixo nas mãos gélidas do moribundo, arco-íres de bonança e paz, conciliador do céu com a terra, anjo que leva em suas candidas azas os aromas de nossa myrrha queimada nos altares da adoração e em seus labios de diamantes os votos de reconhecimento da creatura ao seu creador.

FOLHETIM

Novos contos

POR

Francisco Hoffmann

A TRÁPOLA

Theodoro evitava as redes do monteiro, mas não deixava por isso os seus passeios na malta. A primavera chegou: as arvores revestiram-se de novas folhas, os passaros voltáram, fizeram os seus ninhos nos ramos, e Theodoro percorria a malta pela manhã e á tarde, procurava os ninhos dos passaros: tirava os ovos ou os filhos, e vendia-os por dinheiro na cidade.

Um dia encontrou uma trápola para apanhar raposas. O monteiro tinha armado este alçapão para exterminar os inimigos dos seus coelhos. Theodoro, vendo a trápola, disse logo consigo: « Eis uma boa occasião para me vingar do mon-

Horas vagas

Conforme a promessa que fiz ao meu estimado amigo, director deste orgão, é que apparece nas columnas deste jornal a minha humilde secção. Embora que, ainda não tendo eu escripto para o publico, estou possuido de muita coragem tanto assim é que estare sempre ao lado do amavel chefe para ajudal-o a defender os collegas, para ensinal-os ao amor aos seus livros, a ser doces para com os seus mestres e emfim trabalhar juntamente em prol da aprendizagem.

Não é facto admiravel, porem,

teiro, que me deu uma sóva no outono passado. Vou desarmar e destruir a armadilha para o fazer zangar. »

Theodoro não se lembrava do seu furto; não queria saber que merecera o castigo, e não pensava que neste momento ia commetter outra maldade: o seu unico desejo era a vingança. Procurou, por conseguinte, a móla da trápola, para puxar por ella e fechar assim o alçapão. Mas não empregou toda a prudencia requerida para desarmar a machina. De repente a móla saltou para cima, Theodoro não ponde retirar as mãos e ficou preso pelos dons braços: os ferros da trápola lhe causavão dores atrozes. Gritou em altos brados, diligencion livrar-se dos ferros, tentou abrir outra vez o alçapão ou arranca-lo do chão para fugir com elle; mas todos os seus esforços forão baldados. O unico resultado foi que suas dores, em vez de diminuírem, augmentassem. Neste momento lembrou-

muito reparado, grupos de meninos a jogarem o tal—BATER-PIOLHOS—pelas ruas da nossa capital e em dias de serviços, em vez de procurarem os livros e dirigirem-se para as escolas; desde já, estão acostumados a esse vicio adoptado pela vagabundagem. Alguns delles são matriculados em escolas publicas e outros em particulares.

Pobres meninos, não sabem o que estão fazendo.

Pobres paes,—quando pensam que os seus filhos estão nas escolas recebendo instrucções dos amaveis professores, estão elles por ahi vagando pelo caminho do mal.

Ingratos filhos,—que não reco-

se de que ficaria preso até que o monteiro viesse, e que este talvez já tivesse vindo durante o dia e não voltasse. E, se o monteiro viesse, o rapaz não ganhava muito, porque receberia talvez o mesmo castigo que alguns mezes antes. Todavia desejava que o homem apparecesse. Os ferros apertavam-lhe os braços de uma maneira terrivel, as maos começavam a inchar. Os tormentos que soffria crescião de hora em hora; a sua posição tornava-se intoleravel. Chamou por soccorro, amaldiçoou a sua sêde de vingança, a qual o levára a querer destruir o alcapão, e prometteu a si mesmo que nunca mais commetteria maldades. Mas o dia ia passando e o monteiro não chegava. A fome e a sede atormentavam o rapaz prezo, sua voz era rouca, já não podia gritar, e as ideas mais sombrias o assustavam. Talvez o monteiro tivesse ido a alguma viagem! Entao elle, preso nesta solidão havia de morrer de fome e de sede.

nhecem os sacrificios que fazem os seus paes em pagar as mensalidades dos collegios particulares.

Ingratos amigos,—que trocam por palavras AMOROSAS dos seus BONS AMIGOS, as bellas e amaveis palavras que lhes dirigem os bondosos professores.

Amigos desamorosos,—reunem todos estes pontos e nos dirão si temos ou não razão de vos chamar a attenção para os vossos esquecidos livros, em vos pedir que tenha amor aos vossos professores e de apontar o caminho da escola onde lhes serão ministrados bons conselhos e instrucções?

Coragem, meus meninos, deixai-

Gemia e soluçava! E depois lembrou-se do pae de todos os infelizes, de Deus, e pediu-lhe perdão orando fervorosamente. Prometteu-lhe ao mesmo tempo nunca mais peccar! Em seguida poz se outra vez a gemer e a soluçar, e os seus padecimentos augmentavam!

Finalmente ouviu passos. Foi o monteiro, que ao anoitecer vinha examinar as suas trápolas, e que ficou admirado, vendo a raposa que apanhára. Ao principio quiz zangar-se; mas, quando vio o miseravel estado do rapaz, abriu o alcapão sem dizer uma unica palavra. Theodoro pediu-lhe perdão, e o monteiro não sentiu vontade alguma de o castigar.

—Vai para casa, lhe disse elle, Já soffreste bastante, mas evita o mal d'aqui em diante e não peques mais!

Theodoro foi-se e emendou-se de véras. Nunca mais cometteu maldades como estas, que lhe valerão castigos tao rigorosos.

vos o caminho da perdição e marchem impavidos pelo caminho da salvação, onde lá encontrareis requisitos necessarios a ser homem de bem.

ROMEU.

A Fé e o pensamento

A fé é a religião do coração e o pensamento a da intelligencia.

A fé é a luz vivace e immortaldoura da alma.

A fé é a palavra vivificante do Christianismo pronunciada pelo Filho de Deus.

O pensamento é o fanal que nos aclara a vereda por entre as sombras negrejantes da ignorancia.

A' NÊNÊ...

Como a rola que geme tristemente
lamentando estar só, sem companheiras,
o meu peito ternamente apaixonado,
triste suspira sem illusoes fagueiras.
Infeliz ! que na chamma do amor,
tentamente queimou meu coração !
Desde entao meu viver é só morrer.
É a vida de quem morre de paixão !

A. M.

Ao valente charadista Americo
Brasil

Nas villas e nas cidades—4, 5, 3
Eu procuro incansavel—1, 3, 6, 7
Bebida que vem da China—1, 2, 3
E animal detestavel—4, 3, 6, 7

Quasi todos gostam muito
Deste vicio que faz mal;
Charadista, te garanto,
Ser de origem vegetal.

AFFONSO MESSIAS.

Coisas alheias

A scena que vou relatar passa-se entre um carnicheiro que acompanhado por um enorme cão foi entregar uma quantidade de carne a casa d'uma das suas melhores freguezas.

Quando alli chegou, a dona da casa, ao ver o animal, perguntou ao carnicheiro:

—Diga-me, o seu cão nunca lhe come a carne ?

—Não, minha senhora, algumas vezes lambe-a !... e, apesar dos castigos que lhe tenho dado, não é capaz de mudar de systema.

Escusado é dizer que a fregueza não tornou a comprar carne no estabelecimento de tal carnicheiro.

* *
*

No tribunal correccional:

O juiz ao accusado:

—Qual foi o motivo por que você atirou com um dos ferros que sustentava a lenha do fogão á cabeça de sua mulher ?

—Meu presidente, para lhe fazer gozar as doçuras do LAR !